



“A escrita é um modo de decifração do mundo”: entrevista com Flávia Péret

Daniela Feriani[1]

Flávia é escritora, professora de criação literária e pesquisadora. Com 10 livros publicados – entre eles, “Coisas presentes demais”, no qual conta a demência da avó –, desenvolve o gosto pelas palavras já na infância, especialmente com a influência da mãe, e faz da escrita uma experimentação literária e artística, um gesto que se desdobra para descobrir sentidos e afetos.



Flávia tem 47 anos, mora em Belo Horizonte, M.G., com o companheiro Fred e o filho Joaquim. Ama ler, tocar percussão em blocos de carnaval, caminhar em áreas verdes e nadar em cachoeira.

Flávia é escritora, professora de criação literária e pesquisadora. É mestre em Teoria da Literatura e doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, faz pós-doutorado em Teoria Literária na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Publicou, até o momento, 10 livros, sendo os mais recentes *Coisas presentes demais* e *Mineração do outro: fotografia e fabulação numa palestra-performance*, ambos em 2025.

Em 2018, Flávia recebeu o prêmio Jean-Jacques Rousseau, da Akademie Schloss Solitude (Alemanha), pelo projeto *Uma Mulher* (livro e site de escrita expandida). Em 2010, venceu o prêmio Memória do Jornalismo Brasileiro, promovido pela Folha de S.Paulo. Na última década, tem trabalhado com pesquisas e processos no campo da palavra em diálogo com outras linguagens.



Nesta entrevista, Flávia conta em que momento se percebe como escritora, a influência da mãe no gosto pelas palavras, as principais referências literárias, sobretudo de mulheres, e o tema que vem mobilizando sua atenção – o da palestra-performance, “uma linguagem artística bastante híbrida e experimental que faz a ponte entre a arte e o conhecimento. Foi a partir deste trabalho que a fotografia, enquanto linguagem, começou a me interessar.” Nesse trânsito entre arte e literatura, escrita e performance, a autora vê a literatura como “um laboratório de experimentações com as palavras e com os textos e com as imagens.”

Entre os vários livros de Flávia, escolhi *Coisas presentes demais* para guiar a nossa conversa, por trazer o grande tema de minhas pesquisas em antropologia: o da demência. Com uma escrita sensível, sincera e lacunar, a neta-escritora narra a avó-personagem, mesclando cenas de infância, juventude e velhice da avó, diagnosticada com a doença de Alzheimer. Uma sobreposição de tempos – e materiais, os quais intercalam lembranças, notícias, notas autobiográficas – que nos convida a pensar nos processos de memória, doença, envelhecimento e na própria escrita como um gesto que se desdobra em busca de sentidos e afetos. “Quando comecei a escrever, e o livro mostra esse meu movimento, eu não sabia que chegaria ao lugar de admiração que cheguei. Neste sentido, por mais que achasse que conhecia minha avó, sinto que só consegui conhecê-la de verdade, entender toda a complexidade dela, ao escrever.” Como numa refração, avó e neta vão caminhando para direções opostas: enquanto uma esquece, a outra se lembra. E é nesse desvio que elas se encontram.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como aconteceu o processo de se tornar escritora? Quando você passa a se reconhecer como tal? De que forma, enfim, a literatura entra na sua vida e como tem sido essa relação desde então?

Flávia Péret - Foi um processo longo e lento. Apesar de escrever muito desde criança, só passo a me reconhecer como escritora por volta de 2013/2014. Curioso, porque, em 2011, eu publiquei meu primeiro livro, um ensaio-reportagem sobre a imprensa gay no Brasil. Foi publicado por uma editora importante, a Publifolha, mas, mesmo com esta chancela, ainda não me sentia escritora.

A literatura entra na minha vida na infância. Minha mãe, que era professora de português e tinha uma pequena coleção de livros, lia pra mim e para os meus irmãos todas as noites. Lia, especialmente, uma coleção da Disney chamada *Uma história por dia*, formada por quatro volumes, um para cada estação do ano (verão, outono, inverno, primavera). Depois, minha mãe começou a trazer para casa os livros da coleção vaga-lume e também nos levava, meus irmãos e eu,



frequentemente à biblioteca pública da minha cidade, Ouro Preto. Essas idas à biblioteca tinham dois objetivos: pegar livros e fazer pesquisas para os trabalhos escolares. Acho que tudo isso (a presença dos livros, a voz da minha mãe lendo pra mim na cama, a curiosidade que eles despertavam em mim, os espaços onde estavam guardados) faz parte da gênese da minha relação com a literatura. Na adolescência, esta relação se torna mais autônoma e começo, eu mesma, buscar os livros.

ClimaCom - Daniela Feriani - Quais são suas principais referências literárias e/ou artísticas? Como elas influenciam o seu modo de escrever?

Flávia Péret - Nossa, essas referências mudam muito, com o tempo. Já tive muitas fases. Por exemplo, tive uma fase “a vida como ela é”, romances que abordavam a realidade social e política por um viés mais realista, com uma obsessão por autores como Rubem Fonseca, Fernando Bonassi, Pedro Juan Gutiérrez. Já tive minha fase Clarice Lispector, importantíssima, porque me ajudou a entender que a literatura não precisa sempre contar uma história muito estruturada, com clímax, desfecho, protagonista, mas que pode ser a própria reflexão sobre o escrever e sobre a linguagem, sobre esses movimentos silenciosos e repetitivos da alma onde, aparentemente, não acontece nada. Mas, hoje, minhas principais referências têm sido as escritoras, sobretudo, latino-americanas, que se enunciam a partir do espaço autobiográfico e realizam uma série de experimentações formais bem interessantes, que ampliam o campo da autobiografia, escritoras que transitam entre a ficção e o ensaio, ou seja, elas também não estão interessadas na forma convencional como pensamos o romance e a ficção, mas fazem torções. Algumas dessas escritoras são: Cynthia Rimsky e Nona Fernández, ambas escritoras chilenas, Jazmina Barrera, Isabel Zapata e Cristina Rivera Garza (México), Tamara Kamenszain e María Negroni (Argentina). Fora do nosso continente, uma referência muito forte é a Anne Carson (Canadá) e as estadunidenses Lydia Davis e Maggie Nelson. No Brasil, acho que temos uma cena de poesia contemporânea feita por mulheres simplesmente fantástica. Além disso, gostaria de dizer que faço parte de um grupo de escritoras/poetas que é muito importante na minha vida. Somos amigas, convivemos intensamente e temos, entre outros vínculos, um amor muito grande pela literatura. Todas elas me inspiram em vários sentidos, são mulheres que afetam não apenas minha escrita como meu pensamento. São elas: Carina S. Gonçalves, Laura Cohen, Laetitia Jourdan, Malu Grossi Maia, Eliza Caetano, Cristina Nolasco, Carolina



Santana, Marcela Fassy, Inês Campos, Amanda Ribeiro, Tatiana Bicalho, Luiza Camisassa, Constança Guimarães, Leíner Hoki, Ana Flávia Borsali e Júlia Arante.

ClimaCom - Daniela Feriani - Como é a sua rotina enquanto escritora? Você tem algum ritual ou rituais para escrever?

Flávia Péret - Não. Escrevo quando não tem mais como fugir da escrita, quando o prazo bate na minha porta, ou quando estou obcecada por algo e cavo na minha rotina um tempo para escrever. Antes de ser mãe e durante parte desse período, eu tinha um emprego de 25 horas semanais com carteira assinada e todos os direitos CLT garantidos, eu podia me dar ao luxo de ter pequenos rituais. Hoje, que sou uma trabalhadora autônoma, mato um leão por dia para conseguir pagar o aluguel no fim do mês, escrevo quando consigo, pode ser à noite, de madrugada, nos feriados, escrevo no meio do caos e do barulho, no celular, consegui desenvolver a habilidade de escrever na mesa, enquanto pessoas ao meu redor conversam ou comem.

ClimaCom - Daniela Feriani - Além de textos e livros, a sua produção literária transborda para outros objetos e lugares, como as oficinas de criação, os sites de escrita algorítmica, as palestras-performances, a rua. Gostaria que você contasse um pouco sobre essas experiências e como elas transformam a sua relação com a literatura e, quem sabe, a própria concepção de literatura. O que é, afinal, fazer literatura pra você? Quais são os alcances e limites do fazer literário?

Flávia Péret - Nossa, essa pergunta também dá pano pra manga, porque abarca diferentes procedimentos, em diferentes momentos da minha vida nos últimos 15 anos. Tem uma marca, na minha trajetória de vida, que é mesmo um divisor de águas e que influencia até hoje tudo o que faço. Eu comecei minha trajetória artística/literária porque, durante nove anos, eu fui professora numa escola de artes, onde a literatura era uma linguagem transversal. Os estudantes, das diversas juventudes, sobretudo periféricas, estudavam audiovisual, fotografia, computação gráfica, designer gráfico, mas a linha pedagógica da escola era a arte. Então, quase toda equipe era composta por artistas, de diferentes linguagens. Esse grupo virou uma grande família, amizades que duram até hoje e que moldaram meu modo de ver e pensar a arte e a literatura, sempre pensando nos trânsitos, em experimentar outras linguagens. Essa escola se chamava Oi Kabum! Escola de Arte e



Tecnologia de Belo Horizonte. Nessa fase Kabum, fiz trabalhos como o “Uma Mulher” (o site de escrita algorítmica), fiz plaquetes, desenhos (impressos), intervenções urbanas (muitas), trabalhos de artes visuais que misturavam foto, objeto e texto. A escola foi fechada em 2016, este ano completam 10 anos. Uma tristeza gigante. Um verdadeiro luto. As pessoas que viviam juntas foram se espalhando, conseguindo novos trabalhos. A partir de 2018/2019, me aproximei de um outro grupo, o projeto Em Obras – ciclo de palestras performáticas, idealizado pela escritora e professora Paloma Vidal. E comecei a me aproximar e me apaixonar pela palestra-performance. Uma linguagem artística bastante híbrida e experimental que faz a ponte entre a arte e o conhecimento. Foi a partir deste trabalho que a fotografia, enquanto linguagem, começou a me interessar. Desde o início deste ano, 2026, estou fazendo um pós-doutorado sobre as palestras-peformances e um dos objetivos da pesquisa é produzir um novo trabalho. No momento, é o que mais tem me interessado. E fazer literatura pra mim é tanta coisa, é um laboratório de experimentações com as palavras e com os textos e com as imagens. É viver a partir da escrita, deste modo de decifração do mundo. Não vejo limites entre as linguagens, também não vejo limites entre os gêneros, estou sempre no limite dos gêneros, nunca é totalmente poesia, nem totalmente conto ou ensaio. Adoro esta liberdade e adoro pensar que posso fazer qualquer coisa sem me fixar nos gêneros.

ClimaCom - Daniela Feriani – Em seu livro *Coisas presentes demais*, um dos temas é a demência, particularmente a doença de Alzheimer de sua avó. Em algumas passagens, você traz a dificuldade de contar/narrar diante do processo de apagamento da memória, da linguagem, da vida que sua avó, um dia, teve. Como foi abordar algo tão inconstante, efêmero, vulnerável, enigmático, mas, ao mesmo tempo, tão concreto, material, sensorial? Como capturar essa experiência deslizante da demência sem perder o fio condutor que constitui a sua avó enquanto tal, com todos os propósitos, ambivalências e manias?

Flávia Péret - Este desafio que você formula com sua pergunta é o desafio (ou problema) da escrita em si, independentemente ou não se é sobre memória ou perda da memória. A escrita como ferramenta meio mágica capaz de unir as pontas e os fios soltos de uma vida. Sempre me pergunto: como usá-la para representar a vida de alguém e, ao mesmo tempo, como fugir da armadilha de acreditar que é possível representar uma vida. Então, penso que o primeiro a fazer, desde o início, é aceitar as limitações da própria escrita ou as minhas próprias limitações. Não é possível narrar uma vida tal qual ela sucedeu, nem mesmo a própria pessoa consegue fazer isso (pensando na



autobiografia), muito menos uma terceira pessoa que narra. Ao mesmo tempo, lembrar que a escrita consegue fazer muitas coisas que outros gestos (a simples rememoração mental) não conseguem fazer, porque é ela que consegue dar corpo ao vivido, produzindo o significado e o sentido do vivido. Eu sinto isso de modo muito concreto. Não sei como acontece com pessoas que não escrevem. É um pouco o que a Annie Ernaux fala, só escrevendo consigo entender o que vivi.

Diante desse cenário – impossibilidade e potencialidade da escrita, me propus a não fugir dos pontos delicados, não fazer simplesmente uma homenagem. Minha avó tem 94 anos e segue vivendo na mesma casa de repouso que cito no livro. Sua saúde está bem estabilizada, ela não anda mais, agora usa cadeira de rodas, mas ainda come sozinha e consegue falar, é uma pessoa muito fascinante. Uma mulher muito difícil em vários aspectos, um gênio forte, autoritária, arriscaria a dizer que minha avó tem uma personalidade narcisista, ser filha/filho dela não foi fácil, mas ela também, em tensão com este lado, tem/tinha uma alegria de viver espantosa, nunca ficava triste, nunca se abatia, adorava se divertir, viajar, sempre tinha sonhos (a pequeno e médio prazo) e um entusiasmo muito grande com tudo. Quando comecei a escrever, e o livro mostra esse meu movimento, eu não sabia que chegaria ao lugar de admiração que cheguei. Neste sentido, por mais que achasse que conhecia minha avó, sinto que só consegui conhecê-la de verdade, entender toda a complexidade dela, ao escrever.

Agora, você me pergunta sobre como capturar essa experiência deslizando da memória? Não sei muito bem como isso foi se dando, mas está no livro, aparece, aparece tanto pela própria forma do fragmento (um pedaço ou resto de algo maior), por meio da não linearidade da narrativa (um texto que vai e volta) e também pela atenção que coloquei nos episódios em que encontrava com minha avó, mostrando as oscilações da memória: coisas menores (esquecer de colocar sal na massa de pão de queijo, esquecer onde colocou a chave de casa) e as maiores (esquecer o nome da filha, esquecer que amava intensamente algo – a horta). A própria doença de Alzheimer é uma experiência deslizando e eu tentei cartografar esses momentos.

ClimaCom - Daniela Feriani - Se a escrita é sempre parcial, lacunar, especulativa, a experiência da demência parece esgarçar ainda mais essa condição. Coisas presentes demais traz a escrita por fragmentos e alterna entre lembranças, confissões, informações biográficas e informações/notícias médicas sobre a doença de Alzheimer. Como se deu essa escolha para a confecção do livro? Em que ela te ajudou ou não para lidar com o material bruto da sua pesquisa? De que maneira a forma literária dialoga com o conteúdo? E como você situa esse livro dentro dos gêneros literários?



Flávia Péret - Pode ser lido como um romance em fragmentos ou um livro de ensaio literário, mas nenhuma dessas categorias, penso, consegue com precisão definir o que busquei fazer no livro, assim como a memória escapa o tempo todo, o gênero do livro também escapa, se reconfigura, volta a escapar, gosto muito disso. Acho que posso resumir como uma investigação literária sobre uma pessoa, sobre sua história, sua memória e as relações que orbitam em torno de quem escreve e de quem é escrita/descrita. É um livro literário, não tenho dúvida, se entendermos a literatura como esse modo de aproximação pela linguagem, uma linguagem saturada de sentidos, uma linguagem que se desdobra poeticamente para além do que ela aparentemente mostra/revela.

ClimaCom - Daniela Feriani - Para além da complexidade da demência, existe a complexidade da sua avó. Eu gosto de como você traz essas duas coisas em relação, ora se sobrepõem, ora se separam. A demência é, sim, uma experiência importante na vida da sua avó, mas ela não é tudo. Ter isso em perspectiva alerta para os riscos de reduzir uma coisa na outra, de criar uma caricatura tanto da demência quanto da avó, uma preocupação que você tem ao longo do livro. Além de se referir à experiência da demência, acredito que o título *Coisas presentes demais* também diz algo sobre a própria escrita e a personalidade da avó, essas três coisas – demência, escrita e avó - como caleidoscópios de variadas peças mutantes, que se encaixam para depois se dispersar em outras combinações. Como foi conviver com as diferentes avós: a avó sem demência, a avó com demência e a avó das páginas do livro? Como a demência e a escrita transformaram essa relação?

Flávia Péret – Tentando responder a primeira pergunta, foi uma experiência muito forte e totalmente imersiva viver com essas três avós – nunca tinha pensado assim, como você elaborou – mas eram três pessoas diferentes. Primeiramente, a avó real, uma mulher de 89 anos (idade que ela tinha quando escrevi o livro) e toda sua vida, tudo o que eu sempre soube sobre ela, o que ouvi, as histórias, a personalidade, o temperamento, os costumes. Eu tenho memórias muito fortes da minha avó, sempre que vejo seus pés me emociono, porque os pés dela não envelheceram, sempre foram bonitos. Uma avó amada e detestada (muito detestada em vários momentos), uma avó que era, pra mim, um antimodelo, um antiespelho, uma mulher que recusei porque não queria me parecer com ela. A segunda avó é a da demência, uma outra avó que vai surgindo, que não é mais tão autoritária e petulante, como se, com a doença, os defeitos fossem se atenuando e ficasse apenas a delicadeza dela. Ela, ao contrário de algumas pessoas com demência, não teve/tem episódios de raiva, de



agressividade. O episódio da destruição da horta foi, de fato, o evento mais marcante e, naquele momento, o diagnóstico ainda não estava fechado. E, por último, a avó da escrita, a personagem, é a avó na qual esses lados – real, demência – e minha imaginação se juntam. A avó do texto não existe de fato, é uma personagem, um ser feito de palavras, as pessoas geralmente têm muita necessidade de afirmar a realidade do texto, “foi assim mesmo que aconteceu”, mas para mim não importa muito “a verdade”, mas a construção, construí-la como alguém complexo, que tinha tantos lados.

E sobre a segunda pergunta, acho que o livro responde por si só, é um livro que narra uma busca, uma busca por entender essa mulher e também a relação que a neta estabeleceu com ela, essa neta que narra, implicada, parcial, com suas próprias visões, vai, aos poucos, ao narrar, ao juntar os fios e fragmentos da memória, se encantando por essa mulher, vai se permitindo amá-la. O livro narra essa transformação, esse processo, penso que são dois processos que acontecem paralelamente: a avó perdendo a memória, a neta ganhando as memórias. As duas juntas, do jeito que foi possível estar.

Obrigada, Flávia, por fazer da escrita uma experimentação literária e artística, um gesto que se desdobra para descobrir as coisas que mais importam.

Deixo, por fim, alguns trechos de *Coisas presentes demais*:

Linha de fuga

Não se trata de negar o cheiro de urina que exala do corpo dela, as quedas e os machucados, as raízes do cabelo brancas, as alterações de humor, as unhas por fazer, as crises de raiva, a angústia e a insônia, o olhar morto, o figurino desconjuntado, a boca trancada com muitos segredos, os esquecimentos radicais: perder o nome da filha, o próprio nome. Tudo isso sobrevoa este texto, como se a realidade fosse uma ave de rapina. Não que a escrita signifique uma fuga da dor, mas, ao escrever, a realidade se desdobra, consigo me lembrar do seu cabelo dourado e esvoaçante, das unhas vermelhas e impecáveis, do salto alto, da meia arrastão e do Rayito de Sol besuntando seu corpo numa manha de verão.

Ato falho

Em diversos momentos, em vez de escrever *vó*, escrevo *vão*.

Manias



A avó detesta comida requentada, eletrodomésticos comprados à prestação, penhorar joias, andar de ônibus, carros velhos, netas que não se casam na igreja, café sem açúcar, presentes errados, estragar o cabelo, lembrancinhas baratas, aposentados, visitas que aparecem na hora do almoço, roupas sem graça, carteira sem dinheiro, parecer uma pessoa pobre.

Livros:

- *Imprensa Gay no Brasil* (2011)
- *10 Poemas de Amor e de Susto* (2013)
- *Outra Noite* (2014)
- *Novelinha* (2016)
- *Uma Mulher* (2017 e 2018)
- *Os Patos* (2018)
- *Mulher-Bomba* (2019)
- *Instruções para montar mapas, cidades e quebra-cabeças* (2021)
- *Coisas presentes demais* (2025)
- *Mineração do outro: fotografia e fabulação numa palestra-performance* (2025)

Instagram: @flavia.peret

[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br / Instagram: @soproseassombros